

## A TRANSFORMAÇÃO DAS IMPRESSÕES

Nosso tema de hoje está relacionado com a questão da transformação de si mesmo.

Em nossas conversas passadas falamos muito sobre a importância que tem a vida em si mesma; dissemos também que um homem é o que é sua vida, e que esta é como um filme que, ao desencarnar, levamo-la para revivê-la de forma retrospectiva outra vez, sobre o tapete do mundo físico. É claro que a Lei de Recorrência existe e que todos os acontecimentos se repetem, que tudo volta realmente a ocorrer tal como aconteceu, mais as consequências boas e más, isso é óbvio.

No entanto, o importante é conseguir a transformação da vida e isto é possível se alguém se propõe a isto, profundamente.

“Transformação” significa que uma coisa converte-se em outra coisa diferente. É lógico que tudo está submetido a mudanças.

Existem transformações muito conhecidas da matéria; ninguém poderia negar, por exemplo, que o açúcar transforma-se em álcool, e que o álcool, por sua vez, converte-se em vinagre, pela ação dos fermentos (esta é a transformação de uma substância molecular em outra substância molecular). Sabe-se, pela nova química dos átomos e elementos, que o rádio, por exemplo, transforma-se lentamente em chumbo.

Os alquimistas da Idade Média falavam da “transmutação do chumbo em ouro”. No entanto, nem sempre aludiam à questão metálica, meramente física. Normalmente queriam indicar, com tais palavras, a transmutação do “chumbo” (este da personalidade) no “ouro do espírito”. Assim, pois, convém que reflexionemos em todas estas coisas.

Nos evangelhos a ideia do homem terreno comparado a uma semente capaz de crescimento tem a mesma significação, como também a ideia do renascimento, de um homem que “nasce outra vez”. No entanto, é óbvio que se o grão não morre a planta não nasce; em toda transformação existe morte e nascimento, ou morte e ressurreição.

Já se sabe que na Gnose consideramos o homem como uma fábrica de três andares, a qual absorve normalmente três alimentos. O alimento comum normalmente corresponde ao piso inferior da fábrica, à questão do estômago; o ar, naturalmente, está no segundo pavimento pois está relacionado com os pulmões; e as impressões, indubitavelmente, estão intimamente associadas ao cérebro, ou terceiro andar (isto é questão de observação, não é verdade, irmãos?).

O alimento que comemos sofre sucessivas transformações, isto é inquestionável. O processo da vida em si mesma, por si mesma, é a transformação. Cada criatura do universo, meus estimados irmãos, vive mediante a transformação de uma substância em outra. Um vegetal, por exemplo, transforma o ar, a água e os sais da Terra em novas substâncias vitais, em elementos úteis para nós, como são, por exemplo,

as nozes, as frutas, as batatas, ou os limões, as vagens, as ervilhas, etc. Assim, pois, tudo é transformação.

Pela ação da luz solar obtemos os variados fermentos da natureza. É inquestionável que a sensível película de vida, que naturalmente se estende sobre a face da Terra, conduz toda a força universal até o próprio interior do mundo planetário em que vivemos. Mas cada planta, cada inseto, cada criatura (o próprio animal intelectual equivocadamente chamado homem), absorve, assimila determinadas forças cósmicas e logo as transforma e retransmite inconscientemente às camadas anteriores do organismo planetário. Tais forças transformadas acham-se intimamente relacionadas com a economia deste organismo planetário em que vivemos. Cada criatura, segundo sua espécie, transforma determinadas forças que logo retransmite ao interior da Terra, para a economia do mundo. Também as demais criaturas, as distintas espécies (as plantas, etc.), cumprem a mesma função.

Sim, em tudo existe transformação. Assim, pois, a epiderme da Terra é um órgão de transformação.

Quando comemos o alimento, tão necessário para nossa subsistência, este é transformado (está claro, etapa após etapa) em todos esses elementos vitais tão indispensáveis para nossa própria existência. Quem realiza, dentro de nós, esse processo de transformação das substâncias? O Centro Instintivo! Quão sábio é tal centro! Realmente, assombramo-nos com a sabedoria de dito centro!

A digestão em si mesma, meus estimados irmãos, é transformação. Todos podem ver que o alimento absorvido pelo estômago (quer dizer, a parte inferior desta fábrica de três andares, que é o organismo humano) transforma-se. Se um alimento por exemplo passasse pelo estômago e não se transformasse, o organismo não poderia assimilar seus princípios (suas vitaminas, suas proteínas); isso seria, simplesmente, uma indigestão. Assim, pois, conforme nós vamos refletindo nesta questão, chegamos a compreender a necessidade de passar por uma transformação.

Está claro que os alimentos físicos transformam-se; mas há algo que nos convida muito à reflexão: não existe, por exemplo, uma transformação adequada das impressões. Para o propósito da natureza, propriamente dita, não há necessidade alguma de que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, transforme realmente as impressões. Porém um homem pode transformar suas impressões por si mesmo, se possui naturalmente o conhecimento de fundo, esotérico, e compreende o porquê dessa necessidade. Resultaria magnífico transformar as impressões!

A maioria das pessoas no terreno da vida prática crê que este mundo físico vai lhe dar exatamente o que anela e busca, e eis aí, meus estimados irmãos, um tremendo equívoco. A vida em si mesma entra em nós, em nosso organismo, na forma de meras impressões.

O primeiro que realmente devemos compreender é o significado deste trabalho esotérico relacionado intimamente com a questão das impressões. Que necessitamos transformar a vida? É verdade! E alguém não poderia transformar sua vida se não transformasse as impressões que lhes chegam à mente. É urgente, pois, que escutem esta cátedra, reflitam no que aqui estamos dizendo.

Não existe realmente tal coisa como a “vida externa” (e vejam vocês que estamos falando de algo muito revolucionário, pois todo o mundo crê que o físico é o real; mas se vamos um pouquinho mais a fundo, o que realmente estamos recebendo, a cada instante, a cada momento, são meramente impressões). Vemos uma pessoa que nos agrade ou que nos desagrade e o primeiro que obtemos são impressões dessa natureza, verdade? Isto não o podemos negar.

A vida é, digamos, uma sucessão de impressões (e não como creem muitos ignorantes ilustrados: uma coisa sólida, física, de tipo exclusivamente material); a realidade da vida são suas impressões. Está claro que a ideia que estamos emitindo através desta gravação, certamente torna-se muito difícil de captar, de apreender; constitui um trabalhoso ponto de intersecção. É possível que vocês, que me estão escutando, tenham a certeza de que a vida que têm existe como tal, e não como suas impressões. Vocês estão tão sugestionados pelo mundo físico que obviamente pensam assim.

A pessoa que vemos sentada, por exemplo, em uma cadeira (ali, com tal ou qual traje de cor), aquele que nos sorri mais adiante, aquele que vai tão sério, etc., é para nós coisa real, verdade? Porém, se meditamos (profundamente) em tudo o que vemos, chegamos à conclusão de que o real são as impressões. Estas, como já disse, chegam à mente através (está claro) das janelas dos cinco sentidos. Se não tivéssemos, por exemplo, olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, nem tato para tocar, nem olfato para cheirar, ou nem sequer paladar para degustar os alimentos que entram em nosso organismo, existiria acaso, para nós, isto que se chama “mundo físico?” Claro que não, absolutamente não!

Assim, pois, a vida chega-nos na forma de impressões e eis aí, precisamente aí, onde existe a possibilidade de trabalhar sobre nós mesmos.

Diante de tudo (se queremos fazer isso), pois há que se compreender o trabalho que devemos realizar. Se não fizéssemos esse trabalho de forma correta, como poderíamos conseguir uma transformação psicológica em nós mesmos? É óbvio que o trabalho que vamos realizar sobre nós mesmos deve ser sobre as impressões que estamos recebendo a cada instante, a cada momento. E, ao menos que o assimile, capture-o, etc., nunca ninguém compreenderia o significado do que é chamado como o “primeiro choque consciente”.

O “choque” relaciona-se com essas impressões que são tudo quanto conhecemos do mundo exterior, que estamos recebendo, que tomamos como se fossem as verdadeiras coisas, as verdadeiras pessoas.

Necessitamos, pois, transformar nossa vida, e esta é interna. Ao querer transformar, pois, estes aspectos psicológicos de nossa vida, obviamente necessitamos trabalhar sobre as impressões (que entram em nós, está claro).

Por que nós chamamos, ao trabalho sobre a transformação das impressões, o “primeiro choque consciente”? Por um motivo, meus queridos irmãos gnósticos, por um só motivo: porque, simplesmente, é algo que de modo algum poderíamos efetuar de forma meramente mecânica. Isto jamais acontece mecanicamente, necessita-se de um esforço autoconsciente.

É claro que um aspirante gnóstico que comece a compreender este tipo de trabalho, obviamente, por tal motivo começa também a deixar de ser um homem mecânico que serve, exclusivamente, aos interesses da natureza; uma criatura absolutamente adormecida, que simplesmente não é mais que uma empregada da natureza para os seus fins econômicos, os quais não sevem, de modo algum, aos interesses de nossa própria autorrealização íntima.

Se vocês agora começam a compreender o significado de tudo quanto estamos ensinando neste cassete; se pensam agora no significado de tudo quanto lhes é ensinado a fazer pela via, digamos, do esforço próprio (começando com a observação de si mesmos), verão, sem dúvida, meus queridos irmãos gnósticos, que no lado prático do trabalho esotérico, tudo relaciona-se com a transformação das impressões e o que resulta, naturalmente, destas.

O trabalho, por exemplo, sobre as emoções negativas, sobre os estados de ânimo irritadiços, sobre a questão da identificação, sobre a autoconsideração, sobre os Eus sucessivos, sobre a autojustificação, sobre a desculpa e sobre os estados inconscientes em que nos encontramos relaciona-se (em tudo) com a transformação das impressões e o que resulta disto.

Assim, é conveniente, meus queridos irmãos gnósticos, que de certo modo o trabalho sobre si mesmos se compare à dissecação, no sentido de que é uma transformação. Quero que vocês reflitam profundamente nisto, que compreendam, pois, o que é o “primeiro choque consciente”. É preciso formar um instrumento de transformação no lugar de entrada das impressões, não se esqueçam!

Se mediante a compreensão do trabalho vocês podem aceitar a vida como trabalho, realmente esotérico, então estarão em um estado constante de recordo de si mesmos. Este estado de consciência de si mesmos conduzi-los-á, naturalmente, ao terreno vivo das transformações das impressões e assim, normalmente (ou supra normalmente, digamos melhor), ao de uma vida distinta, no que diz respeito naturalmente a vocês. Quer dizer, que a vida já não agirá mais sobre todos vocês, meus queridos irmãos, como o fazia antes; vocês começarão a pensar e a compreender de uma nova maneira, e este é o começo, naturalmente, de sua própria transformação. Porque enquanto vocês sigam pensando da mesma maneira, tomando a vida da mesma maneira, é claro que não haverá nenhuma mudança em vocês.

Transformar as impressões da vida é transformar a si mesmo, meus queridos irmãos gnósticos, e só uma maneira de pensar inteiramente nova pode alcançá-lo. Todo este trabalho, pois, dirige-se para uma forma radical de transformação. Se a pessoa não se transforma, nada logra.

Vocês compreenderão que a vida exige-nos, continuamente, reagir. Todas estas reações formam nossa vida, nossa vida pessoal. Transformar a sua vida não é mudar as circunstâncias meramente externas, é mudar realmente as próprias reações. Porém, se não vemos que a vida exterior nos chega como meras impressões que nos obrigam incessantemente a reagir (de uma forma, digamos, mais ou menos estereotipada), não veremos onde começa o ponto que realmente possibilite a mudança, e onde é possível trabalhar.

As reações que formam nossa vida pessoal são quase todas de tipo negativo. Então nossa vida também será negativa, não será mais que uma série sucessiva de reações negativas, que ocorrem como resposta incessante às impressões que chegam à mente. Desta forma, nossa tarefa consiste em transformar as impressões da vida, de modo que não provoquem esse tipo de reações negativas a que estamos tão acostumados. Porém, para realizá-lo, é necessário estar nos auto-observando de instante em instante, de momento em momento. Assim as impressões não chegam de um modo mecânico; isso equivale a viver mais conscientemente.

Um indivíduo pode permitir dar-se ao luxo de que as impressões lhe cheguem mecanicamente, mas se não comete semelhante erro, se transforma suas impressões, então começa a viver conscientemente. Por isso se diz que este é o “primeiro choque consciente”. O “primeiro choque consciente” radica, precisamente, na transformação das impressões que chegam à mente. Se alguém consegue transformar as impressões que chegam à mente, no próprio momento de sua entrada, sempre pode trabalhar nos seus resultados. Está claro que, ao transformá-las, evitamos que se produzam seus efeitos mecânicos, que sempre costumam ser desastrosos no interior de nossa psique.

Isto exige um sentimento definido, uma vibração definida do trabalho, uma valorização do ensinamento, o que significa que este trabalho esotérico deve ser levado até o ponto, por assim dizê-lo, onde entram as impressões, a partir de onde são distribuídas (mecanicamente) a seu lugar costumeiro (pela personalidade), para evocar as antigas reações.

Quero que vocês sigam entendendo um pouquinho mais. Vou tratar, digamos, de simplificar, a fim de que vocês possam entender. Colocarei um exemplo: se jogarmos uma pedra num lago cristalino, produzem-se impressões no lago e a resposta a essas impressões causadas pela pedra são as ondas que vão do centro para a periferia, verdade? Bem, agora vocês levem, meus queridos irmãos gnósticos, este exemplo à mente. Imaginem-se por um momento como um lago. De repente aparece a imagem de uma pessoa. Essa imagem, digamos, é como a pedra de nosso exemplo: chega ao lago da mente e então a mente reage (as impressões são provocadas pela imagem que chega à mente; as reações são a resposta a tais impressões). Se vocês atiram uma bola contra um

muro o muro recebe a impressão e vem a reação, que consiste em que (inconscientemente) rebate a bola a quem a arremessou. Bem, pode ser que não lhe retorne diretamente, mas de todas as formas rebate a bola e isso é reação, verdade?

Bem, há impressões que não são muito agradáveis. Por exemplo, as palavras de um insultador não são, por certo, muito boas de que sejam ditas, não? Claro que poderíamos, digamos, transformar essas palavras do insultador. Mas se as palavras são como são, então que poderíamos fazer? Transformar as impressões que tais palavras nos produzem? Sim, isso é possível, e o ensinamento gnóstico nos ensina a cristalizar a segunda força, quer dizer, o Cristo em nós, mediante um postulado que diz: “Há que receber com agrado as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes”. Eis aí, pois, o modo de transformar as impressões que produzem em nós as palavras de um insultador: receber com agrado as manifestações desagradáveis de nossos semelhantes. Este postulado levar-nos-á, naturalmente, à cristalização da segunda força, quer dizer, ao Cristo em nós; fará com que o Cristo venha a tomar forma em nós. É um postulado sublime, esotérico em cem por cento.

Agora, se do mundo físico não conhecemos senão as impressões, então, propriamente, o mundo físico não é tão externo como acreditam as pessoas. Com justa razão disse Don Emmanuel Kant: “O exterior é o interior”. Assim, pois, se o interior é o que conta, devemos transformar o interior (as impressões são interiores).

Assim, pois, todos os objetos, as coisas, tudo o que vemos, existe em nosso interior na forma de impressões. Se, por exemplo, nós não transformamos as impressões, nada muda em nós. A luxúria, a cobiça, o ódio, o orgulho, etc. existem na forma de impressões (dentro de nossa psique) e vibram incessantemente. O resultado mecânico de tais impressões têm sido todos esses elementos inumanos que levamos internamente, e que normalmente chamamo-los Eus (os Eus, que em seu conjunto constituem o mim mesmo, o si mesmo, verdade?).

Suponhamos que um indivíduo, por exemplo, vê uma mulher provocativa e não transforma suas impressões. O resultado será que estas (de tipo naturalmente luxurioso) exigem nele, pois, um desejo de possuí-la. Tal desejo vem a ser o resultado mecânico da impressão recebida e se plasma, vem a cristalizar, a tomar uma forma em nossa psique; converte-se em mais um agregado, quer dizer, em um elemento inumano, em um novo Eu de tipo luxurioso, que vem a se agregar à soma existente de elementos inumanos, os quais em sua totalidade constituem o Ego, o mim mesmo, o si mesmo.

Mas vamos seguir refletindo... Em nós existe ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça e gula. Ira, por quê? Porque muitas impressões chegaram a nós, a nosso interior, e nunca as transformamos. O resultado mecânico de tais impressões, pois, foi a ira, foram os Eus que ainda existem, vivem em nossa psique e que constantemente, pois, fazem-nos sentir coragem.

Cobiça. Indubitavelmente, muitas coisas despertaram em nós a cobiça: o dinheiro, as joias, as coisas materiais de todo tipo, etc. Esses objetos chegaram a nós na

forma de impressões. Nós cometemos o erro de não haver transformado essas impressões, por exemplo, em outra coisa diferente: em uma admiração pela beleza ou em altruísmo ou em alegria pelo dono de tais ou quais coisas, enfim... e o que? Pois tais impressões não transformadas, naturalmente, converteram-se em Eus da cobiça que agora carregamos em nosso interior.

E quanto à luxúria, já disse que distintos tipos de luxúria chegaram a nós na forma de impressões, e surgiram (no interior de nossa mente) imagens, digamos, de tipo erótico, cuja reação foi a luxúria. Desde que nós não transformamos então essas ondas luxuriosas, essas vibrações luxuriosas, essas impressões, esse sentir luxurioso, esse erotismo malsão, não bem entendido (porque bem entendido, já disse que o erotismo é são), naturalmente que o resultado não se fez esperar: foi completamente mecânico, nasceram novos Eus dentro de nossa psique (de tipo, está claro, morboso).

Então, hoje em dia devemos trabalhar sobre as impressões que temos em nosso interior e sobre seus resultados mecânicos. Dentro, temos impressões de ira, de luxúria, de inveja, de orgulho, de preguiça, de gula, etc., etc., etc. (e outras tantas mais). Também temos, dentro, os resultados mecânicos de tais impressões: punhados de Eus encrenqueiros e gritões que agora necessitamos compreender e eliminar.

Todo o trabalho sobre nossa vida versa, pois, em saber transformar as impressões e também em saber eliminar, digamos, os resultados mecânicos das impressões não transformadas no passado.

O mundo exterior propriamente não existe; o que existe é o interno. As impressões são interiores e as reações (com tais impressões) são de tipo completamente interior. Quem poderia dizer que está vendo uma árvore em si mesma? Não, estará vendo a imagem da árvore, mas não a árvore. A “coisa em si”, como dizia Don Emmanuel Kant, ninguém a vê; vê-se a imagem da coisa, quer dizer, surgem em nós as impressões sobre uma árvore, sobre uma coisa. Estas são internas, são de dentro, são da mente. Se alguém, por exemplo, não faz uma modificação de suas próprias impressões internas, o resultado mecânico não se faz esperar: é o nascimento de novos Eus que vêm a escravizar ainda mais a nossa Essência, a nossa Consciência; que vêm a intensificar o sono em que vivemos.

Quando alguém compreende que, realmente, tudo o que existe dentro dele mesmo (com relação ao mundo físico) não são mais que impressões, compreende também a necessidade de transformar essas impressões, e, ao fazê-lo, produz-se uma transformação total de si mesmo.

Não há coisa que doa mais, por exemplo, que a calúnia, ou as palavras de um insultador; mas se alguém é capaz de transformar as impressões que lhe produzem tais palavras, estas se tornam então como um cheque sem fundo.

Certamente, as palavras de um insultador não tem mais valor que o atribuído pelo insultado. Se o insultado não dá valor a tais palavras, estas ficam sem importância

(repito, ainda que me torne cansativo: ficam como um cheque sem fundo). Quando alguém compreende isto, transforma então as impressões de tais palavras, por exemplo, em algo distinto: em amor, em compaixão pelo insultador e isso, naturalmente, significa transformação.

Assim, pois, necessitamos estar transformando incessantemente as impressões, não só as presentes, mas as passadas. Dentro de nós existem muitas impressões (que cometemos o erro, no passado, de não tê-las transformado) e muitos de seus resultados mecânicos que são os tais Eus, os quais agora há que desintegrar, aniquilar, a fim de que a consciência torne-se livre e desperta.

Quero que vocês reflitam profundamente no que estou dizendo: as coisas, as pessoas, não são mais que impressões dentro de vocês, dentro de suas mentes. Se vocês transformam essas impressões, transforma a vida de vocês.

Quando há, por exemplo, orgulho, esse tem por fundamento a ignorância. De que pode sentir-se orgulhosa, por exemplo, uma pessoa? De sua posição social, de seu dinheiro, de que?... Mas se essa pessoa, por exemplo, reflete que sua posição social é uma questão meramente mental, é uma série de impressões que chegaram a sua mente (impressões sobre seu estado social, ou seu dinheiro); quando reflete que tal estado não é mais que uma questão mental, ou quando analisa, pois, a questão do dinheiro e se dá conta que isso só existe (na mente) em forma de impressões (as impressões que o dinheiro produz, está claro); se analisa isto a fundo, se compreende realmente que o dinheiro e a posição social (e demais) não são mais que impressões internas da mente, somente pelo fato de compreender que apenas são impressões da mente há a transformação; então o orgulho por si mesmo cai, desmorona, e nasce em nós, de uma forma muito natural, a humildade.

Continuando assim, com estes processos de transformação das impressões, direi algo mais. Por exemplo: uma imagem de uma mulher luxuriosa chega à mente, ou surge na mente. Tal imagem é uma impressão, obviamente. Nós poderíamos transformar essa impressão luxuriosa mediante a compreensão. Bastaria pensarmos que a citada imagem é perecedoura, que essa beleza é, portanto, ilusória. Se recordássemos, por uns instantes, que essa mulher há de morrer e que seu corpo vai se tornar pó no panteão; se com a imaginação víssemos seu corpo em estado de desintegração dentro da sepultura, isto seria mais que suficiente para transformar essa impressão luxuriosa em castidade. Assim, transformando-a não surgiriam na psique mais Eus da luxúria.

Assim, pois, convém que, mediante a compreensão, transformemos as impressões que surgem na mente.

Creio que os estimáveis irmãos vão compreendendo que o mundo exterior não é tão exterior como normalmente se acredita. É interior, pois tudo o que nos chega do mundo não são mais que impressões internas. Ninguém poderia meter uma árvore dentro de sua mente, ou uma cadeira, ou uma casa, ou um palácio, ou uma pedra. Ali

tudo em nossa mente não são senão impressões (isso é tudo); impressões de um mundo que chamamos “exterior”, mas que realmente não é tão exterior como se pensa.

Convém, pois, que todos nós sigamos transformando as impressões mediante a compreensão. Se alguém nos elogia, por exemplo, como transformaríamos a vaidade que tal adulator poderia provocar em nós? Obviamente, os elogios, as adulações, não são mais que impressões que chegam à mente, e esta reage na forma de vaidade. Porém, se tais impressões são transformadas, a vaidade torna-se impossível.

Como se transformariam, pois, as palavras de um adulator, essas impressões de elogio, de que forma? Mediante a compreensão! Quando realmente se compreende que não se é mais que uma infinitesimal criatura em um canto do universo, de fato se transforma tais impressões de elogio, ou de lisonja, em algo distinto; converte tais impressões, digamos, no que são: pó, poeira cósmica, porque compreende sua própria posição.

Já sabemos que nosso planeta Terra é um grão de areia no espaço. Pensemos na galáxia em que vivemos, composta de milhares e milhares de mundos. Que é a Terra? É uma mísera partícula de pó nesse infinito. E que somos nós? Organismos, digamos assim, micro-organismos, dentro dessa partícula. Então o que? Que conseguiríamos nós com estas reflexões? Mudar, é claro. E isto, obviamente, produziria uma transformação das impressões que se relacionam com a lisonja, a adulação, o elogio, e não reagiríamos (como resultado) na forma de orgulho, verdade?

Quanto mais refletimos nisto, veremos mais e mais necessidade de uma transformação completa das impressões.

Tudo o que vemos (externo) é interior. Logo, se não trabalhamos sobre o interior, vamos pelo caminho do erro, porque não modificaríamos então nossa vida. Se queremos ser distintos, necessitamos transformar-nos integralmente, e se queremos transformar-nos, devemos começar por transformar as impressões. Aí está a chave para a transformação radical do indivíduo.

Na própria transmutação sexual há transformação das impressões. Transformando as impressões animais, bestiais, em elementos de devoção, então surge em nós a transformação sexual: a transmutação.

Creio que vocês tenham me compreendido e por hoje chegaremos até esta parte, pois, de nosso discurso. Espero que os que escutem esta fita tenham a amabilidade de analisá-la, de compreendê-la.